

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II)
7 e 29 de julho de 2025

I CRUDELI / 1967

Os Cruéis

um filme de Sergio Corbucci

Realização: Sergio Corbucci/ Argumento: Albert Band, Ugo Liberatore, José Gutiérrez Maesso (creditado como Jose G. Maesso/ Fotografia: Enzo Barboni/ Direcção Artística: Jaime Pérez Cubero/ Montagem: Nino Baragli, Alberto Gallitti/ Música: Ennio Morricone (creditado como Leo Nichols)/ Intérpretes: Joseph Cotten (Coronel Jonas), Norma Bengell (Claire), Julián Mateos (Ben), Gino Pernice (Jeff), Ángel Aranda (Nat), Al Mulock, Maria Martin, Claudio Gora, Benito Stefanelli, Enio Girolami, etc.

Produção: Albert Band (Alfredo Antonini) para Alba Cinematografica/Tecisa Film / Cópia: digital, colorida, versão internacional com diálogos em inglês e legendada eletronicamente em português/ Duração: 92 minutos/ Estreia Mundial: Itália, 2 de fevereiro de 1967/ Estreia em Portugal: cinema Avis (Lisboa), 24 de abril de 1980/ Primeira exibição na Cinemateca

Nota: A cópia que vamos ver corresponde à versão internacional do filme, com diálogos em inglês e o título THE HELLBENDERS.

Ao contrário dos outros *westerns* realizados por Sergio Corbucci, que estrearam “em tempo útil” em Portugal, I CRUDELI só foi visto no nosso país em 1980, no mesmo ano em que também por cá se estreava FACCIA A FACCIA, igualmente de 1967 mas de outro Sergio (Sollima) e que igualmente integra esta revisitação do género. Ao que parece, à data I CRUDELI só teve êxito de público em Espanha e na Alemanha, parecendo destinado ao esquecimento (manteve-se inédito em França até 2008), o que só foi contrariado com as recentes edições em DVD que permitiram novas e muito mais positivas avaliações. Até então, o seu único legado consistira, nas palavras de Howard Hughes (*Once Upon a Time in the Italian West*), na reutilização da banda sonora da autoria de Ennio Morricone no filme DRUMMER OF VENGEANCE (Robert Paget, 1974), completa e indevidamente sem qualquer menção aos créditos.

Sergio Corbucci vinha de filmar NAVAJO JOE (“à maneira antiga”) para Dino De Laurentiis, e DJANGO para Manolo Bolognini, e ambos os produtores queriam prosseguir a respetiva colaboração, mas ao realizador não lhe agradavam as intervenções a que o tinham “submetido” durante as filmagens. Acaba assim por iniciar de imediato um novo filme, e um novo western, novamente rodado em Espanha, mas proposto e produzido por Albert Band (Alfredo Antonini), com quem co-assinara a realização de MASSACRO AL GRANDE CANYON em 1964.

Baseado ou inspirado parcialmente no mesmo romance (*Guns of North Texas*) de Will Cook que já estivera na base de GLI UOMINI DAL PASSO PESANTE/OS IMPLACÁVEIS, realizado pelo próprio Band no ano anterior, o produtor propõe-lhe uma variação do tema

do patriarca sulista que recusa a derrota do exército da Confederação, e que contaria novamente com Joseph Cotten (depois de Welles, depois de Hitchcock, depois de Vidor e de Carol Reed) no papel principal.

Cotten é aqui o lutador de uma causa (“in love with a cause”, palavra que repete frequentemente), um coronel sulista que, com os seus três filhos, tem como projeto reconstituir um exército e continuar a guerra que terminara entre as fações do Norte e do Sul (“If they think the war is over because Lee surrendered, they weren’t counting on me or any of us Hellbenders”). Os “Hellbenders”, família (re)unida numa travessia para transportar o caixão-cofre que permitiria a concretização do sonho pela causa do pai (“Maybe I believe enough for us all”), pouco ou nada têm, contudo, da famosa “galanteria” do Sul que defendem. De facto, os Hellbenders são, como no título italiano e no título português, “cruéis” quanto baste, e disso é exemplo desde logo a sequência inicial da chacina a sangue frio de todo o regimento “yankee”. O mito é desfeito.

Sergio Corbucci aborda essa dupla temática (família e causa, antagonismo Norte-Sul/guerra civil) com ironia, com violência “gráfica” e também humor negro (veja-se a noite no cemitério para recuperar o caixão). Aí residirá também parte do caráter político desta obra, não só como comentário ou reflexão de Corbucci sobre a sociedade sua contemporânea mas também como de certa forma uma alegoria aos anos 40, ao regime fascista de Mussolini e à II Guerra Mundial, que, como na guerra civil norte-americana, culminaria com italianos contra italianos, de irmãos contra irmãos.

Se a insígnia com a salamandra (“hellbender” é uma salamandra aquática gigante) na bandeira que envolve o caixão – já agora, caixão que é transportado numa carroça reaproveitada de um filme de Sergio Leone –, remeteria simbolicamente para uma regeneração, para uma renovação, no filme nenhuma personagem é redimida, nenhum herói existe. Talvez por isso o título do filme não tenha, ao contrário de outros westerns de Sergio Corbucci (DJANGO, MINNESOTA CLAY, NAVAJO JOE), o nome forte, individualizado, de uma personagem. Aqui, é o clã dos “cruéis”. E no final, perdidos os filhos, o símbolo é tudo o que resta ao patriarca da família. “I’ll get it home, boys”.

T. Borges